

Brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos: podemos brincar juntos?

Jacqueline Cristina Jesus Martins
EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa

O trabalho aqui relatado foi desenvolvido no ano de 2011 durante as aulas de Educação Física dos 1º anos A, B e C da EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa. Sabendo que essas crianças já fazem parte do Ensino Fundamental de 9 anos, e que chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental com a faixa etária de 6 anos, olhei para os objetivos do Projeto Pedagógico (PP) da escola que visava contribuir para a formação de alunos leitores e escritores do mundo e para o Projeto Especial de Ação (PEA) que apontava para uma aproximação entre a escola e a comunidade, e escolhi estudarmos a manifestação corporal Brincadeiras da Cultura Infantil, pois percebi que esse seria um tema que dialogaria com esses objetivos e que constitui parte das práticas corporais das crianças dessa faixa etária.

Iniciei o trabalho com uma roda de conversa onde o tema era as brincadeiras que as crianças faziam em suas casas com os seus familiares e amigos, isto é, eu estava tentando reconhecer quais eram as brincadeiras da cultura patrimonial desses alunos que acabavam de chegar na escola. As falas me apontaram diversos tipos de brincadeiras, dentre elas: brincadeiras de lenga-lenga, brincadeiras com brinquedos, esportes e brincadeiras cantadas. Pensando na organização do trabalho, anotei as brincadeiras que as crianças falavam e perguntava se seria possível realizarmos essa brincadeira na escola ou não. Durante essas rodas de conversa, percebi que algumas crianças debochavam das brincadeiras que os colegas apresentavam e que meninos e meninas faziam algumas “caretas” quando surgiam brincadeiras como bonecas ou futebol. Meninos não gostavam quando as meninas propunham brincadeiras com as bonecas e as meninas por sua vez não gostavam das brincadeiras do tipo futebol. Essa observação me fez perceber que desde muito cedo meninas e meninos já vão construindo uma ideia de que algumas práticas corporais são apenas para os meninos e outras apenas para as meninas. A partir daí, debrucei os nossos estudos sobre as seguintes perguntas: Meninas e Meninos podem brincar das mesmas brincadeiras? Podemos brincar juntos?

Tomando como base a proposta de Educação Física apresentada pela SME¹ e tendo em vista que esse documento apresenta alguns objetivos gerais de Educação Física para o Ensino Fundamental, pautei-me em alguns deles para me ajudar a construir o plano de ensino que nortearia o meu trabalho. A partir dessas observações, elaborei o plano de ensino focando no entendimento sobre as construções sociais que sustentam as ideias que estereotipam as brincadeiras “de meninos” e as brincadeiras “de meninas”. O trabalho teve como objetivos:

- Identificar os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura patrimonial dos alunos;
- Observar as diferenças e as semelhanças entre os jogos e as brincadeiras dos alunos, valorizando e respeitando a opinião e as formas de expressar dos colegas;
- Ressignificar os jogos e as brincadeiras;
- Ampliar o repertório de jogos e brincadeiras pertencentes à cultura corporal do grupo;
- Adotar uma postura crítica frente à estigmatização entre jogos e brincadeiras “de meninos” e “de meninas”.

Ancorada nessa proposta das Orientações Curriculares da SME, também selecionei algumas expectativas de aprendizagem para o trabalho:

- Explicar e demonstrar corporalmente as brincadeiras vivenciadas em contexto familiar;
- Descrever as sensações e sentimentos advindos da vivência da brincadeira (tristeza, alegria, frustração, dor, cansaço, euforia, tédio);
- Adaptar as brincadeiras vivenciadas no contexto familiar às condições do grupo, espaço e materiais.
- Elaborar formas de registro a partir das vivências (desenho, escrita, fotografia, relato oral);
- Identificar as principais características das brincadeiras vivenciadas (nome de artefatos, movimentos, regras, forma de organização, quantidade de participantes etc.);

¹ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental : ciclo II – Educação Física / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2007.

- Reconhecer semelhanças e diferenças entre as brincadeiras apresentadas pelos colegas e aquela pertencente ao seu patrimônio cultural familiar;
- Posicionar-se quanto às modificações sugeridas pelos colegas às brincadeiras identificando vantagens e desvantagens, criando e colocando em ação novas possibilidades.

Definido o tema e os objetivos do trabalho realizei uma atividade na qual as crianças pudessem expressar as suas ideias a respeito das práticas corporais serem divididas por gênero, isto é, “de meninas” ou “de meninos”. As falas dos alunos apresentavam que existiam práticas corporais específicas dos meninos e das meninas, como por exemplo, entendem o balé como prática feminina e o skate como prática masculina. Para ter um registro dessas ideias iniciais dos alunos, pedi para que cada aluno desenhasse em uma folha de papel uma brincadeira que eles achassem que fossem exclusivas das meninas e outra que eles achassem que era exclusiva dos meninos. Guardei esse registro para que posteriormente me ajudasse a avaliar o trabalho realizado. A maioria dos desenhos apresentava bonecas e casinhas como brincadeiras das meninas e brincadeiras com bola e carrinhos como brincadeiras dos meninos.

Pensando em uma ação pedagógica que nos ajudasse a começar entender que essas definições foram culturalmente construídas na nossa sociedade, fiz a leitura do livro: *O que os meninos fazem / O que as meninas fazem?* de Ilanm Brenman – Editora Callis. O livro apresenta as várias práticas que meninos e meninas gostam de fazer, e sugere que meninos e meninas podem gostar de fazer as mesmas coisas, tanto nas práticas corporais como esportes e brincadeiras, ouvir os mesmo tipos de histórias, ter os mesmos sonhos etc. Com a apresentação e a leitura do livro algumas falas dos alunos novamente me mostraram que entre aquele grupo as questões de que as práticas eram definidas como “de meninos” e “de meninas” continuavam muito presentes. Em um momento do livro quando é falado que os meninos brincam com as bonecas das irmãs, meninos se apresentaram contra essa possibilidade. Quando propus que durante as nossas aulas de Educação Física realizaríamos as práticas corporais que estavam presentes no livro, alguns alunos proferiram as seguintes falas: *No dia que for a brincadeira de boneca eu vou faltar!; No dia do futebol o que as meninas vão fazer?; É proibido menino brincar de boneca, meu pai não deixa!*. Essas questões me chamaram a atenção.

A partir daí, o trabalho realizado durante as aulas de Educação Física tentou contribuir para a desconstrução dessas ideias através da realização de atividades que proporcionaram aos alunos a experimentação das diferentes práticas corporais apresentadas como “de meninos” ou “de meninas” juntamente com discussões sobre essas práticas na sociedade e apresentação de outras formas de realizá-las através de filmes, livros e imagens. A prática dessas atividades conjuntamente, isto é meninos e meninas brincando juntos possibilitou as crianças tomarem outras ideias, pois até o momento eles praticamente reproduziam as falas que circulam nas suas famílias na sociedade e até mesmo na escola, onde em muitos momentos identificamos práticas que reforçam essa dicotomia entre as práticas corporais.

As atividades pedagógicas realizadas durante as aulas colocaram os meninos e as meninas em contato com as práticas ditas “de meninas” ou “de meninos” problematizando-as. Brincamos de: correr, bonecas, carrinhos, espadas, varinha de condão, futebol, vôlei, subir em árvores, dinossauros, escorregador, cordas, amarelinha, bambolê, bolinha de gude entre outras. Dessa forma, foi possível colocar em xeque aqueles discursos proferidos inicialmente.

Durante a realização do trabalho percebi que algumas das práticas corporais estudadas não geraram conflitos com relação a pertencer a um grupo ou ao outro, isto é, meninas e meninos participaram da brincadeira sem se oporem a realização daquela prática corporal. Foi assim com as brincadeiras de correr, dinossauros, descer no escorregador, pular corda, amarelinha e o vôlei. Percebi que essas brincadeiras ou já circulavam no contexto familiar das crianças, ou são veiculadas pela mídia, de forma que elas se apropriem desses conhecimentos, percebendo que meninos e meninas ou homens e mulheres participam dessas práticas corporais no dia a dia. Esse foi o caso das brincadeiras com os dinossauros, que inicialmente foi apresentado como uma brincadeira dos meninos, mas que logo as crianças apontaram uma novela que estava passando na televisão e que mostrava homens e mulheres estudando os dinossauros. As crianças criaram juntas as mais diversas formas de brincar com os dinossauros como: de corrida, de casinha, de família, de floresta etc. Percebi que quando a prática não está permeada por discursos preconceituosos, as crianças criavam suas próprias formas de brincar sem essas questões de ser de um gênero ou de outro. Isso também aconteceu com o vôlei, que foi apresentado no livro como uma prática das meninas, mas que logo no início quando questionei se era uma prática masculina ou feminina as crianças afirmaram ser dos dois, pois na televisão eles assistiam jogos masculinos e femininos.

Com essas falas fui percebendo como a mídia contribui para a marcação dessas práticas corporais por gêneros e como a presença das práticas corporais nas mídias televisivas ajudam aos alunos a construírem os seus conhecimentos a respeito de cada uma delas. Para jogar o vôlei, os alunos apresentavam os movimentos que conheciam, os nomes desses movimentos, alguns conheciam algumas regras, conheciam os materiais que fazem parte desse esporte como a rede, o tipo de bola, a quadra. Pela pouca habilidade dos alunos com a prática do vôlei, fizemos a primeira vivência utilizando a bola de vôlei, mas para melhorar o andamento da prática utilizei uma bola que é formada por uma capa com uma bexiga dentro, o que tornou a realização da atividade bem melhor. O estudo sobre o vôlei deixou bem claro como a presença desse esporte na mídia, que transmite tanto jogos masculinos como femininos contribui para a construção das ideias de que pode ser uma prática tanto dos meninos como das meninas.

Outras práticas como os carrinhos, o futebol, a varinha de condão, as bonecas, as bijuterias da mamãe, subir em árvores e espadas geraram alguns conflitos. Algumas estratégias pedagógicas foram importantes para ajudar a romper com algumas ideias apresentadas inicialmente pelas crianças. Da mesma forma que as mídias muitas vezes foram apresentadas pelos alunos para mostrar que tanto meninos e meninas poderiam brincar de algumas brincadeiras, utilizei esses recursos para apresentar as possibilidades de realizar essas práticas ditas “proibidas”. Mesmo durante a realização dessas práticas que geraram certos conflitos, os próprios alunos apresentaram recursos para resolvê-los. Os meninos acreditavam que varinha de condão era só para as meninas, mas um menino apresentou que Harry Potter utilizava uma varinha de condão nos seus filmes e aí outros meninos apresentaram outros personagens de desenhos e filmes que também utilizavam esse material. As brincadeiras com a varinha de condão também foram as mais diversas, de brincadeiras onde as crianças representavam personagens de filmes, pega-pega mágico, pega-pega bruxa, entre outros. Percebi que as crianças criavam muitas brincadeiras, e isso tornava a brincadeira de todos, pois como ela não existia, havia acabado de ser criada ainda não estava permeada pelas marcas de menino ou menina. Fui percebendo que as crianças estavam conseguindo mudar algumas atitudes, pois quando alguém citava algum problema, logo eles recorriam a desenhos, filmes, novelas ou prática para mostrar que poderiam brincar juntos sim.

A brincadeira com as bonecas causou grandes conflitos, pois alguns meninos se negaram a participar da aula. A partir dessas atitudes, pesquisei alguns vídeos e na aula seguinte trouxe para a aula o filme: Cine Gibi 4 da Turma da Mônica e exibí o episódio

Brincando de boneca, onde o Cascão brinca de boneca com a Magali. No episódio, ele brinca de uma forma diferente, onde acaba colocando as bonecas como super-heroínas. Fizemos uma discussão sobre os meninos brincarem com as bonecas, e surgiram várias falas que apresentavam os diferentes posicionamentos das crianças. Essas falas me apontaram como a convivência familiar influencia a construção das ideias das crianças. Algumas crianças apresentavam que nas suas casas os pais, irmão ou avôs ajudavam a cuidar da casa e das crianças. Já alguns alunos citavam que nas suas casas os homens não faziam isso e não permitiam que eles fizessem porque cuidar da casa e das crianças era coisa de mulher. Após as discussões sobre o tema fomos para a quadra brincar com as bonecas. Observei que os meninos que haviam resistido inicialmente a brincar com as bonecas, inclusive o aluno que havia falado logo no início do trabalho que faltaria no dia da brincadeira com as bonecas brincou sem problemas.



Realizamos essas brincadeiras durante três aulas, e percebi que tanto os meninos como as meninas experimentaram diferentes formas de brincar. Notei que as brincadeiras foram realizadas das mais variadas formas, meninos e meninas juntos, meninos com meninos e meninas com meninas. Ao final do trabalho com as bonecas, alguns meninos afirmaram ter gostado de experimentar brincar com as bonecas. Um fato curioso aconteceu, mas que me deixou contente, pois percebi que as crianças estavam rompendo com alguns preconceitos que existiam. Um dos meus alunos era filho de uma professora que trabalhava comigo em outra escola, e ela veio me questionar sobre o que eu estava fazendo nas aulas, pois ela havia chegado em casa e o seu filho estava brincando com a irmã com as bonecas. Ela o questionou ele disse que estava aprendendo na escola que não havia problema ele brincar de boneca com a irmã, assim como se ele quisesse a irmã poderia brincar com ele de carrinho, e assim eles não precisariam brincar sozinhos.

Por outro lado, o pai de um aluno veio até a escola questionar o trabalho realizado com as cordas. Para as crianças, elas não identificaram as cordas como uma prática masculina ou feminina, e todos participaram sem problemas, afirmando

inclusive que já brincavam de corda na EMEI², mas para o pai do João³, no Nordeste homem não brinca de corda, isso é brincadeira de menina. Percebi como os nossos estudos estavam avançando, pois para o pai ir até a escola questionar o trabalho, provavelmente o filho havia comentado alguma coisa sobre as nossas aulas. Após conversar com a professora entendeu o trabalho e percebeu a importância do estudo que estávamos fazendo nas nossas aulas. Para ajudar a superar alguns desses discursos, assistimos ao filme *Jump In*⁴- onde um garoto praticante do boxe passa a se interessar por pular cordas e sofre com alguns preconceitos. Além de nos ajudar a discutir esses preconceitos existentes em torno da prática, o filme também nos ajudou a criar novas formas de pular corda. Essa passagem me motivou a continuar o trabalho, percebi como as crianças estavam interpretando os nossos estudos.

Já no trabalho com o futebol as impressões dos alunos eram de resistência tanto por parte dos meninos como das meninas. Alguns meninos diziam: *Meninas não sabem jogar futebol!*; *As meninas chutam fraco!* Enquanto algumas meninas diziam: *Eu nunca joguei futebol, acho que é difícil!*; *Eu não sei jogar futebol, não quero!* Mas também tivemos uma aluna que afirmou gostar muito de futebol e que jogava na rua da sua casa.

Para apresentar que as meninas podem e sabem jogar o futebol eu fiz algumas embaixadinhas, driblei alguns alunos, chutei forte, para tentar mostrar que as mulheres podem praticar o futebol. Logo, em seguida, um aluno afirmou: *Mas você é professora!*. Percebi que eles não estavam vendo que eu enquanto mulher poderia jogar, mas o que estava presente era a identidade de professora de Educação Física, que, no entendimento dos alunos, dominam todas as práticas corporais.

Durante a realização do futebol, todos os meninos queriam a Maria⁵ no seu time, pois ela jogava bem. Porém, o tratamento com meninas que não sabiam jogar era hostil, incluindo brigas e xingamentos. Em alguns momentos, precisei parar o jogo para ter conversas com os grupos para mostrar que as meninas na maioria das vezes não vivenciavam o futebol, e por isso tinham mais dificuldades. Apontava que elas precisariam de mais tempo de vivência e da ajuda dos que tivessem mais experiências. Durante as vivências do futebol fomos alternando as possibilidades de jogar. Ora jogamos com times mistos, ora com times de meninos contra os meninos e de meninas contra as meninas e em alguns momentos meninas contra os meninos. Essa diversidade

² Escola Municipal de Educação Infantil

³ Nome fictício para preservar a identidade do aluno

⁴ Filme da Disney (2007)

⁵ Nome fictício para preservar a identidade da aluna.

de formas proporcionou as crianças diferentes experiências, que ajudaram a entender melhor a dificuldade de algumas pessoas em participar e algumas práticas das quais elas não estão familiarizadas. Tanto alguns meninos como a Maria, perceberam que muitas vezes as dificuldades dos colegas eram por ter pouco conhecimento e vivência daquele esporte. Percebi então que eles passaram a respeitar mais os que não tinham tantas habilidades. Após todas essas vivências apresentei um vídeo com imagens do futebol masculino e feminino. As crianças puderam observar que tanto os homens como as mulheres podem jogar o futebol, mas que por alguns motivos, apenas o futebol masculino é transmitido pela televisão e isso não proporciona que o futebol feminino seja muito conhecido. Uma aluna afirmou que isso era machismo. Estranhei essa fala para uma aluna de seis anos e perguntei se ela sabia o que era isso e ela me respondeu que era quando só os homens mandam nas coisas. Achei importante ela ter feito essa ligação, isso mostrou que ela estava conseguindo relacionar os nossos estudos com as práticas do dia-a-dia.



Durante a realização do projeto, realizamos uma saída pedagógica para a Brinquedoteca da Faculdade de Educação da USP⁶. Esse passeio além de ter proporcionado aos alunos uma vivência muito marcante, pois para a maioria foi a primeira experiência em uma brinquedoteca, também os colocou em contato com novos brinquedos que não tínhamos na escola e alguns deles não tinham em casa como bicicletas, videogame e mesa de sinuca. Saímos da escola apenas com o propósito de brincar. Durante essa atividade fui registrando como os alunos organizavam as brincadeiras, quais os brinquedos mais utilizados, os conflitos que ocorreram, para que minhas próximas ações estivessem pautadas nessa vivência. Observei que os meninos gostaram bastante das fantasias, que alguns conflitos aconteceram com a bicicleta rosa pois algumas meninas afirmavam que era só para as meninas e não deixavam os meninos andarem, percebi também que meninos e meninas brincaram juntos de casinha,

⁶ Universidade de São Paulo

pebolim, sinuca, mercadinho entre outros e que o video-game foi utilizado apenas pelos meninos.



Durante todo o trabalho, para que eu pudesse avaliar se estavam acontecendo algumas mudanças nas posturas dos alunos com relação a separação das brincadeiras por gênero destinei a última aula do mês para brincar com a caixa de brinquedos, caixa que montei com diferentes brinquedos, fantasias e utensílios domésticos. Na aula em que era realizada a brincadeira com a caixa de brinquedos, eu apenas organizava a distribuição dos brinquedos, mediava os conflitos e observava as brincadeiras que as crianças realizavam, anotando os brinquedos que escolhiam/brincavam, como os grupos eram compostos para as brincadeiras, quais eram os conflitos que aconteciam. Essa forma de avaliação contribuiu muito para as minhas decisões com relação à elaboração das próximas ações didáticas. Aliás, não apenas as observações dessas aulas, mas também as observações diárias e os registros em meu caderno.

Esse processo de avaliação norteou todo o meu trabalho, pois a partir das falas e dos conflitos que surgiam durante as realizações das práticas eu pude ir articulando as próximas ações que contribuiriam para a desconstrução de algumas ideias que os alunos apresentavam.

Finalizando o trabalho realizamos um registro individual onde cada aluno recebeu uma folha com a imagem de todas as brincadeiras realizadas durante o trabalho e uma outra folha dividida ao meio em que em uma metade estava escrito meninos e na outra metade estava escrito meninas. Cada folha tinha a 2 imagens da mesma

brincadeira e a criança deveria colar a figura de acordo com o que pensava sobre as brincadeiras.



Figura 1 Registro feito no início do trabalho



Figura 2 Registro feito ao final do trabalho

Para ajudar a interpretar se as crianças haviam mudado as suas ideias a respeito das práticas masculinas e femininas peguei o primeiro registro que havia feito com os alunos no início do ano e comparei com esse último. Ao analisar essa atividade percebi que algumas crianças mudaram as suas ideias a respeito de algumas práticas corporais serem somente masculinas ou femininas. Outras crianças permaneceram com as mesmas convicções apresentadas no início do trabalho. Na minha opinião isso acontece por conta de certos discursos estarem arraigados na nossa cultura, e que mudanças acontecerão aos poucos, mas que precisam ser trabalhados, para que elas não entendam essa “estereotipação” como naturais.

Mesmo que alguns alunos não tenham mudado suas ideias nos registros percebi muitas mudanças na realização das práticas corporais. Notei meninos e meninas que

inicialmente não se misturavam, brincando juntos, percebi a utilização de diferentes materiais nas construções das brincadeiras, além de alguns meninos que passaram a brincar com as bonecas tanto na escola como em casa e meninas que passaram a jogar bola com os meninos durante o intervalo.

Durante o período de realização o trabalho aqui descrito eu estava participando de um curso promovido pela SME que abordava a produção de vídeos na escola. A partir desses novos conhecimentos resolvi colocar em práticas algumas dos novos conhecimentos aprendidos no curso. E como uma forma de registro final do trabalho produzi um filme com algumas imagens das aulas e com os depoimentos das crianças a respeito do trabalho realizado. Esse filme reforçou o que eu havia notado a respeito das mudanças de algumas posturas enquanto outras não. Mas penso que todo trabalho é assim, pouco a pouco vamos conseguindo alcançar os nossos objetivos.



Ao avaliar o percurso do trabalho tenho aspectos positivos e negativos a respeito dele. Avalio negativamente o fato de não ter conseguido promover uma maior integração entre a escola e a comunidade, onde inicialmente havia pensado em levar para a escola moradores da comunidade para apresentar algumas brincadeiras, porém durante o trabalho não consegui organizar essas visitas.

Avalio positivamente alguns fatores, entre eles o de poder apresentar o meu trabalho durante os horários coletivos com os demais professores. Nesse espaço pude fazer um trabalho que no meu entendimento foi muito importante, mostrar aos outros professores que muitas vezes as nossas ações reforçam muito essas ideias de que existem práticas de meninas e de meninos. Na maioria das vezes os professores não admitem que reforçam essa estereotipação, mas durante os nossos encontros eles conseguiram identificar algumas dessas atitudes e tentaram mudá-las. Essas ações culminaram inclusive em conversas com os outros funcionários da escola que geraram algumas mudanças em algumas práticas que acontecem na escola, como por exemplo, no intervalo, onde as cordas eram apenas para as meninas e a bola apenas para os meninos, passamos a disponibilizar os materiais para quem quisesse participar. Outro ponto positivo está relacionado aos registros do trabalho. Durante toda a realização do

projeto fotografei as práticas, anotei os acontecimentos e as falas dos alunos no meu caderno de registros, registramos as práticas através de desenhos e isto me possibilitou fazer as intervenções de acordo com o que estava acontecendo nas aulas. Isso também me permitiu ter mais de um instrumento de avaliação, contemplando inclusive as mudanças nas relações entre os alunos, que era um dos objetivos do trabalho. Essa diversidade de formas de trabalho e de formas de avaliação me permitiu avaliar os alunos de uma forma mais ampla e complexa, pois não avalia apenas um produto final, ou apenas a partir de um instrumento, mas sim a partir de todo um processo pelo qual o aluno passou. De todos os pontos avaliados, acredito ter alcançado os objetivos propostos inicialmente, entre eles o entendimento de que as ideias de que as práticas corporais são das meninas ou dos meninos é uma construção social. A possibilidade de criação de novas formas de brincar por parte das crianças as colocou como produtoras de cultura contribuindo também para a ideia de ressignificação das práticas corporais.